

Desenvolvimento da Linguagem Oral e Escrita

Maria Regina Maluf
Sandra Regina Kirchner Guimarães
Organizadoras



Editora
UFPR



REITOR
CARLOS AUGUSTO MOREIRA JÚNIOR

VICE-REITORA
MÁRCIA HELENA MENDONÇA

DIRETORA DA EDITORA UFPR
SERLEI MARIA FISCHER RANZI

CONSELHO EDITORIAL
ALEXANDER WELKER BIONDO
CARLOS ALBERTO UBIRAJARA GONTARSKI
IDA CHAPAVAL PIMENTEL
JOSÉ BORGES NETO
LUIZ EDSON FACHIN
MARIA DE FATIMA MANTOVANI
MARIA RITA DE ASSIS CESAR
MARIO ANTONIO NAVARRO DA SILVA
QUINTINO DALMOLIN
SERGIO LUIZ MEISTER BERLEZE
SYLVIO FAUSTO GIL FILHO
ULFGREGOR BARANOW

DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA

MARIA REGINA MALUF
SANDRA REGINA KIRCHNER GUIMARÃES
ORGANIZADORAS

Editora
UFPR

© MARIA REGINA MALUF E SANDRA REGINA KIRSCHNER GUIMARÃES

DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA

COORDENAÇÃO EDITORIAL
DANIELE SOARES CARNEIRO

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
GLAUCO PESSÔA SALAMUNES

CAPA
RACHEL CRISTINA PAVIM

REVISÃO
LUCIANA LÜHKE DE JESUS E
GISLAINE DO RÓCIO SIQUEIRA FARENHUK

SÉRIE PESQUISA, n.130

COORDENAÇÃO DE PROCESSOS TÉCNICOS, SISTEMA DE BIBLIOTECAS, UFPR.

Desenvolvimento da linguagem oral e escrita / Maria Regina
D451 Maluf, Sandra Regina Kirchner Guimarães Organizadoras;

[autores Luciana Fontes Pessôa.. [et al.]. — [Curitiba: Editora UFPR, 2008].
288p.: il.; tabs. (Pesquisa; n.130) — Inclui bibliografia e notas

I. Comunicação oral – Linguagem. 2. Linguagem oral.
3. Comunicação escrita – Estudo e ensino.
I. Maluf, Maria Regina. II. Guimarães, Sandra Regina Kirchner.
III. Pessoa, Luciana Fontes. Série.

CDD 22.ed. 372.452

Sumira Elias Simões CRB-9 / 755

ISBN: 978-85-7335-211-5

REF. 500

DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS À

EDITORA UFPR
RUA JOÃO NEGRÃO, 280 - 2.º ANDAR - CENTRO
TEL.: (41) 3360-7489 - FAX: (41) 3360-7486
80010-200 - CURITIBA - PARANÁ - BRASIL
CAMA POSTAL: 17.309
editora@ufpr.br
www.editora.ufpr.br
2008

AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM E O PAPEL DO OUTRO: A QUESTÃO DO *INPUT* LINGÜÍSTICO MATERNO

Luciana Fontes Pessôa e Maria Lucia Seidl de Moura

Um Panorama Geral

A questão da origem e do desenvolvimento da linguagem desperta interesse desde a Antigüidade Clássica e continua em nossos dias intrigando àqueles que se interessam pelo tema. O processo pelo qual a linguagem se desenvolve, é construída, ou “adquirida” nos primeiros dois anos da ontogênese de bebês humanos tem sido objeto de formulações teóricas diversas e deu origem a uma ampla literatura de investigações empíricas. A compreensão desse processo e dos fatores a ele associados é fundamental para a formulação de modelos e hipóteses sobre características da mente humana.

Embora sempre tenha havido teorias sobre o tema, as discussões e controvérsias sobre a gênese e desenvolvimento ou aquisição da linguagem se intensificaram a partir do final da década de 1950 e na década de 1960, a partir da publicação por Skinner de sua obra *Comportamento Verbal* (1957) e das primeiras publicações de Chomsky (1965).

Com as críticas ao behaviorismo então dominante na pesquisa psicológica, propostas inatistas foram contrapostas às perspectivas empiristas e construtivistas. Com isso, observou-se a centralização do problema de aquisição de linguagem em seus aspectos sintáticos, em contraste com a hipótese de uma precedência à semântica sobre a sintaxe. A idéia da precariedade do *input* lingüístico da criança, em oposição à caracterização da fala dirigida à criança como registro peculiar; o desenvolvimento lingüístico visto como tomando forma a partir da discriminação do sinal acústico da fala dos primeiros dias de vida *versus* o desenvolvimento visto como fundado em habilidades comunicativas ou pragmáticas pré-lingüísticas (CORREA, 1999). Foi a partir dessas controvérsias,

afirma Correa (1999), que o interesse pela aquisição da linguagem foi difundido para além do mundo anglofônico a partir da década de 1970, e é nesse contexto teórico que a pesquisa em aquisição de linguagem tem início no Brasil.

A idéia de que a fala dos adultos influencia o processo de aquisição da linguagem era pouco compartilhada antes da metade da década de 1970. A partir dessa época, observa-se um aumento do interesse no papel da interação no processo de aquisição de linguagem nas crianças. Percebe-se desde então um crescente número de trabalhos enfocando o tema do papel da linguagem do adulto e como ela pode vir a influenciar a aquisição de linguagem.

Um marco foi a conferência sobre o *input* e a aquisição de linguagem realizada em 1974 em Brookline, Massachusetts, com a participação de Charles Ferguson. Ferguson era o líder em estudos sobre o *Baby Talk* dentro de uma perspectiva tradicional descritiva e logo verificou o valor do *input* no desenvolvimento psicolinguístico. Foi o primeiro a publicar sobre o fenômeno da influência materna no processo de aquisição de linguagem.

Anteriormente à década de 1970, a questão de importância central era o que se passa na cabeça da criança – questões sobre gramática universal, aprendizado de estratégias, princípios operativos, aspectos cognitivos relacionados ao desenvolvimento da linguagem, entre outros. A partir dessa perspectiva *inside the head*, o interesse pela natureza da interação social infantil se expandiu. Surgiram muitas teorias sobre o *input*, contrastando com as hipóteses sobre “o que as crianças têm dentro da cabeça”. Inicialmente, os estudos apenas analisavam a fala do adulto para verificar aspectos relacionados com complexidade, correção, troca de vocabulário, redundância. Como apontado em Snow (1994), as pesquisas começaram analisando a relação entre o adulto e a emissão anterior da criança, assim como a relação entre a pronúncia do adulto e os olhares infantis ou a relação da fala do adulto com gestos infantis e os objetos relacionados.

As modificações na estrutura e no significado dos enunciados maternos serviram de base para a hipótese do *motherese*, ou seja, um tipo de *input* diferenciado que é produzido pela mãe, levando em conta a idade da criança, seu estágio de desenvolvimento e as concepções e expectativas maternas sobre o nível de desenvolvimento do filho e o impacto que esse *input* tem no desenvolvimento da estrutura e complexidade da linguagem infantil. Gleitman, Newport, e Gleitman (1984) testaram a hipótese do *motherese*, verificando um efeito significativo e positivo entre a complexidade da fala materna, medida através de seus enunciados, e o desenvolvimento da linguagem infantil.

Gradativamente, os estudos voltados apenas para as características gramatical e lexical do discurso materno começaram a considerar aspectos semânticos e a ser direcionados para a compreensão de aspectos pragmáticos e da função social da fala do adulto. A análise da pragmática era simples e restrita em termos da variação nas expressões comunicativas.

Uma breve descrição das contribuições de Noan Chomsky e Jerome Bruner

A teoria de Chomsky (1965)¹ se apóia na hipótese de estruturas inatas específicas como base da linguagem. A aquisição de linguagem ocorreria devido aos universais lingüísticos inatos. Ele não atribuiu à aprendizagem um papel explicativo para a aquisição das regras lingüísticas complexas, ou para o uso apropriado da linguagem nas situações novas. A ênfase atribuída aos aspectos inatos (biológicos) e universais leva-o a pressupor a existência de um dispositivo para a aquisição de linguagem, o LAD (*Language Acquisiton Device* – Dispositivo de Aquisição de Linguagem). A aquisição estaria relacionada ao emergir de estruturas pré-formadas e anteriormente programadas, deflagrada pelo contato com o *input* lingüístico da comunidade de falantes a que se pertence, e o mecanismo de aquisição de linguagem é um mero executor de “programas” pré-existentes.

¹Chomsky, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Mass: The Mit Press, 1965.

Segundo Chomsky (1973), as estruturas inatas, que todos os indivíduos possuem, constituem uma *gramática universal* explicitada, a partir dos dados que são fornecidos no desenvolvimento do sujeito, no uso de gramáticas particulares. Para esse autor,

[...] os princípios que determinam a forma da gramática e selecionam uma gramática de forma adequada, com base em certos dados, constituem um assunto que pode, seguindo o uso tradicional, ser denominado gramática universal (CHOMSKY, 1973, p. 43).

A aquisição da linguagem, para a teoria inatista de Chomsky, acontece naturalmente e não é proporcionada/desenvolvida por um “esforço” da criança, já que o seu desenvolvimento e os traços básicos que surgem são pré-determinados por um estado inicial que é inato e comum à espécie. Nesse modelo, a aquisição de linguagem só ocorre a partir do momento em que a criança está capacitada para processar dados lingüísticos e o contexto tem um papel apenas de deflagrador do desenvolvimento, sendo priorizadas as capacidades inatas.

Para defender sua hipótese de uma base inata, Chomsky usa o argumento de “pobreza de estímulo”, afirmando que a fala do adulto que a criança processa é mal elaborada, fragmentada e pobre. Essa pobreza no *input* (materno, inicialmente) seria compensada pelas ricas estruturas que são inatas na criança, pois apenas o *input* materno não seria suficiente para o desenvolvimento da linguagem infantil (CHOMSKY, 1973).

Segundo Brown e Bellugi (1984), o desenvolvimento da linguagem inicial pode ser sintetizado em quatro etapas: algum tempo no segundo semestre de vida ocorre a primeira palavra inteligível; alguns meses mais tarde a maioria das crianças estão dizendo muitas palavras, já que estão nomeando coisas e ações; em torno dos dezoito meses ocorre a construção de emissões de duas palavras; e aproximadamente com trinta e seis meses algumas crianças estão tão adiantadas no processo de construção que produzem todas as principais variedades das sentenças simples até um comprimento de dez a doze palavras.

As primeiras emissões produzidas como imitações de sentenças de adultos são reduções altamente sistemáticas de seus modelos e, além disso, as propriedades telegráficas dessas imitações aparecem tam-

bém nas emissões da criança produzidas espontaneamente (BROWN; BELLUGGI, 1984). Estudos realizados por esses autores (BROWN; BELLUGGI, 1984) há muito tempo demonstram que a ocorrência de certos tipos de erros no nível da morfologia ou construção de palavras revelam o esforço da criança de induzir regularidades da fala. Assim ...

De alguma forma cada criança processa a fala a qual é exposta, de modo a induzir dela uma estrutura latente. Essa estrutura de regra latente é tão geral que a criança pode tirar dela implicações por toda a sua vida. É tanto semântica como sintática. A descoberta da estrutura latente é o maior dos processos envolvidos na aquisição de linguagem e o mais difícil de entender (p. 151).²

Esse estudo clássico é típico da época em que o modelo de Chomsky teve forte repercussão. Estudos como esse são importantes porque verificam alguns processos na aquisição de sintaxe que deram origem a toda uma linha de pesquisas. Por exemplo, foi verificado que a expansão pela mãe, da fala das crianças, primeiro observada por Brown e Bellugi, tem um efeito significativo na aquisição de linguagem. Snow (1986) hipotetiza que pode ser que as expansões possam fornecer *bits* cruciais de informação sobre sintaxe ou morfologia. É interessante que Brown e Bellugi estavam tentando corroborar teses chomskianas com seu trabalho, mas a importância da expansão na fala materna vem reforçar o papel do *input* na aquisição da linguagem. Embora não desqualifique a idéia de um núcleo fixo, inato de Chomsky, mostra que talvez seja maior do que ele inicialmente supunha, o papel do ambiente.

A conclusão dessa fase de estudos é que, de uma forma geral, diferentemente do que supunha Chomsky, essa fala materna é mais simples, mais gramatical, mais redundante e melhor formada do que a fala endereçada aos adultos. Esses resultados referentes ao estudo do processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem contradisseram o que era proposto por Chomsky. Contudo, como discute Snow (1986), essas evidências só poderiam eliminar a necessidade de uma predisposição específica para a aquisição de línguas, caso fosse demonstrado que outras espécies, comparado o nível de inteligência, seriam bem sucedidas na

² Tradução livre da autora desse projeto.

tarefa de adquirir uma língua humana, diante de dados simplificados, o que não é o caso. Além disso, a existência desse registro especial não implica que o uso deste seja uma condição necessária para a aquisição de uma língua, e, principalmente, uma condição suficiente.

A influência de Chomsky sobre os estudos de aquisição de linguagem teve como uma de suas conseqüências essa ênfase nas características sintáticas do *input* lingüístico, mas a preocupação com aspectos semânticos e pragmáticos também começou a estar presente. Um dos autores que contribuiu para essa ampliação de foco é Jerome Bruner.

Bruner é um autor importante nos estudos da mente, um dos autores do movimento cognitivista na década de 1960. Na década de 1970, depois de se aposentar em Harvard, passou por um período na Universidade de Oxford, época em que se dedicou ao estudo do desenvolvimento prelingüístico e da aquisição inicial da linguagem (BRUNER, 1983). Bruner (1996) aponta a importância da cultura no estudo do pensamento, defendendo que este deve ser investigado dentro do seu contexto. Atribui à cultura o papel de formação da mente humana e de fornecedora de instrumentos com os quais nosso mundo é construído.

Embora a capacidade para atuar inteligentemente no mundo possa estar relacionada com questões biológicas e com o discernimento da evolução histórica do homem, o exercício dessa capacidade depende da apropriação dos modos de atuação e de pensamento que este adquire na cultura na qual está inserido. Através da linguagem é que o homem interpreta e regula sua cultura. O homem está em constante aprendizado, adquirindo conhecimentos culturais e formas de atuar nas situações recorrentes graças à sua linguagem adquirida. A cultura é constituída por simbolismos, concepções e distinções que somente podem ser identificadas pela linguagem. Cultura e linguagem não podem ser entendidas separadamente (BRUNER, 1985).

Segundo Bruner (1983), existem três formas de representação do conhecimento: enativa, icônica e simbólica. A primeira está relacionada aos hábitos de ação, a segunda com imagens e a terceira, ao uso de sistemas simbólicos como a linguagem. Para Bruner, a mais importante

dessas formas é a linguagem, “porque é o meio pelo qual a cultura e o desenvolvimento cognitivo fazem contato, o meio através do qual o *kit* de instrumentos da cultura pode se tornar da própria criança” (BRUNER, 1985, p. 143).

A aproximação de Bruner ao estudo do desenvolvimento da linguagem é a primeira fase de investigações sistemáticas desse autor com o referido tema. Bruner fica insatisfeito com a noção de *Linguistic Acquisition Device* de Chomsky e se assegura cada vez mais de que a linguagem é o meio pelo qual representamos e interpretamos o mundo. Sua primeira hipótese foi que mesmo que se postule um LAD, ele não pode funcionar sem considerarmos o mundo construído pela criança desde seu nascimento. Propõe um LASS – *Linguistic Acquisition Support System* – sistema de suporte de aquisição de linguagem, envolvendo, justamente, os conhecimentos que a criança constrói de seu mundo (BRUNER, 1983).

Sua preocupação com o desenvolvimento do LASS é referente à maneira pela qual a linguagem se desenvolve na troca com interlocutores de acordo com seu uso e não apenas como um sistema abstrato. Investiga, dessa forma, a natureza do *input* lingüístico oferecido pelo adulto no processo de desenvolvimento da linguagem infantil inicial. Bruner (1978) aponta a forte tendência que existe no bebê para compartilhar aspectos do mundo sensorial com a mãe e na mãe de se orientar para os aspectos do mundo aos quais o bebê está prestando atenção. Hipotetiza que, no fim do primeiro ano, a forma da vocalização do bebê afeta a atenção do outro e que sons e padrões de sons têm significados (semântica).

Com base em suas observações, Bruner (1983) aponta que desde o começo aparece uma tendência, inicialmente inata, mas cada vez mais plástica no bebê e na mãe de “compartilhar atenção”. Observa-se uma tendência das mães de falar sobre o que consideram ser os desejos, necessidades e intenções da criança, uma tendência de tratar o comportamento do bebê como não aleatório e intencional. O choro do bebê vai se transformando em uma modalidade de solicitação e aos poucos se diferencia para combinar com o contexto. A mãe responde às suas diferentes formas e, com isso, transforma as vocalizações do bebê em padrões mais sutis de comunicação.

A condição para a incorporação dessa transformação no bebê pode estar relacionada com a hipótese de que este já reconheça uma necessidade ou função para tal procedimento e esteja lidando com ele de forma ainda rudimentar, antes de adotar meios novos mais evoluídos. Esse reconhecimento é uma condição necessária, embora não suficiente, para a criança gerar uma nova hipótese comunicativa.

Os estudos sobre co-construção de referências do bebê com a mãe levou ao desenvolvimento da noção de *scaffolding*, que, segundo o autor, "consiste em um adulto desempenhar uma tarefa que a criança não consiga realizar sozinha, repassando a ela o controle da atividade quando for capaz de executá-la. Essa é a essência da aprendizagem." (BRUNER, 1983, p. 173).

Na aquisição de linguagem por *scaffolding*, Bruner introduziu o conceito de "formatos", que consistem em contextos específicos nos quais pressupostos implícitos são compartilhados, sob a forma de seqüências de ações conhecidas pelos parceiros; são os primeiros "pedaços" da cultura generalizados pela criança (BRUNER, 1983). É como se a mãe criasse com o bebê "micromundos", "microcontextos", nos quais as regras são familiares. Nesse sentido, são as "zonas de construção". Como pode ser observado, Bruner contribuiu significativamente para os estudos da interação social em etapas iniciais do desenvolvimento, principalmente nos de interações sociais no período pré-lingüístico que enfatizavam a presença do LASS, no processo de aquisição lingüística.

Bruner norteou seus estudos em pressupostos acerca da forma e da função da comunicação pré-lingüística. Segundo esses pressupostos, a comunicação lingüística é precedida por outros meios e essa forma anterior preenche algumas das mesmas funções que serão preenchidas depois pela linguagem propriamente dita; a comunicação primitiva depende para sua eficácia da adoção de procedimentos crescentemente convencionais e combináveis para realizar várias funções. Esses procedimentos são altamente sensíveis ao contexto e relacionados inicialmente a formatos comunicativos específicos; novas formas procedimentais freqüentemente entram para preencher funções já servidas por formas mais antigas, como se por um processo de substituição; há um processo

pelo qual novas funções são descobertas em virtude do domínio de um procedimento usado de uma velha maneira; e o número de funções que podem ser preenchidas por comunicação parece sem limite. Inicialmente, entretanto, o bebê tem grande dificuldade em preencher mais de uma função de cada vez.

Com base em seus pressupostos, pode-se acrescentar que é através da interação com os outros que as crianças descobrem o que é a cultura e como o mundo é concebido por ela. Para isso, é importante a questão da intersubjetividade, capacidade humana de compreender a mente dos outros através da linguagem, dos gestos, entre outros meios, capacidade de apreender o papel dos ambientes em que palavras, gestos e atos ocorrem. Como somos uma espécie intersubjetiva por excelência, isso nos permite a negociação de significados.

Caracterizar o desenvolvimento humano enquanto constituído a partir da interação e inserido no interior de um contexto sócio-histórico-cultural oferece algumas vantagens, mas requer alguns cuidados conceituais. Interação social pressupõe indivíduo e meio ambiente. Cabe ao investigador a distinção, portanto, do processo de desenvolvimento que diz respeito à relação e às transformações do próprio indivíduo, em uma dimensão mais íntima.

No interior dessa discussão, Bruner (1996) acrescenta alguns argumentos à discussão sobre a questão da significação em relação com o desenvolvimento humano a partir da interação social em um contexto histórico-cultural específico. Para esse autor, os significados "estão na mente" dos indivíduos. No entanto, têm origem na cultura na qual são construídos.

Referindo-se a noção de cultura e sua relação com os aspectos cognitivos e interações sociais, Fogel (2000) afirma que "operações cognitivas, crenças e desejos se transformam e se desenvolvem em situações cotidianas durante discursos e relações interpessoais" (p. 314), o que afirma a postura na qual a influência cultural é inerente aos sistemas de relações sociais nos quais o indivíduo está inserido e de que é componente. Cultura não deve ser considerada unicamente enquanto variável

independente, determinando e influenciando o curso de vida dos indivíduos. Indivíduo e nicho sociocultural são inseparáveis na medida em que se complementam.

Mørk (1977)¹, citado em Ellas (1995), considera que a interação linguística tem um papel primordial na aquisição da linguagem e específico na forma como a mãe mostra à criança estruturas gramaticais mais avançadas, corrigindo-a. Por exemplo, as repetições maternas facilitam à criança entender a mensagem e as reformulações são importantes porque dão a ela a oportunidade de comparar uma estrutura já existente no seu repertório linguístico com outra estrutura semanticamente nova.

Ellas (1995), descrevendo alguns estudos sobre a aquisição de linguagem, discute como o ambiente linguístico tem um efeito muito importante no desenvolvimento cognitivo e linguístico da criança. Esses estudos demonstraram que a linguagem dos pais dirigida à criança está desprovida de erros, ambigüidades e outras alterações complexas. Observa-se que esses resultados integram considerações sintáticas, características dos primeiros estudos sobre *input* linguístico, com as de aspectos semânticos. Além disso, a perspectiva não é de uma mãe falando para um bebê, mas de uma troca entre a díade.

Atualmente, o conjunto de evidências é grande (D'ORICO; SALERNI; CASSIBA; JACOB, 1999; SNOW, 1994). Sabe-se já que essa fala, denominada *manhês* ou *motherese*, ou *Child directed speech* CDS – Fala dirigida à criança CDC, parece ajustada às características do interlocutor: bebê em fase pré-linguística. Tem entonação própria, é simplificada, trata de aspectos do ambiente familiares ao bebê, e faz referência freqüente ao sentido atribuído a suas ações (SEIDL-DE-MOURA; RIBAS; SEARA; PESSÔA; NOGUEIRA; RIBAS JR., 2004). É uma fala bem construída e apresenta

características próprias como: clareza acústica máxima; redundância; discurso mais lento; voz em tom mais alto; expressões faciais que acompanham entonações de voz exageradas e altamente variáveis; tensão vocal nas palavras importantes; sussurros; uso repetido de um pequeno número de palavras diferentes; intervalos estrategicamente colocados. Há uma diversidade léxica.

¹ Não foi encontrada a referência completa desse estudo no texto de Ellas (1995).

contendo essencialmente: palavras concretas; muitas perguntas, imperativos; poucos tempos verbais no passado e poucas frases subordinadas e de complexa construção (PAAVOLA *et al.*, 2005).

Estudos sobre características pragmáticas da fala dirigida à criança vêm sendo desenvolvidos, desde que a ênfase passou a ser de análises de *corpus* para análises de conversações e trocas, a partir, principalmente, da década de 1980. As análises realizadas indicam que a fala dirigida à criança é restrita em termos de intenções comunicacionais (SNOW, 1994). Paavola *et al.* (2005) realizaram um estudo recente sobre o tema com 27 díades mãe-bebê (em dois momentos, 10 meses e um ano) finlandeses, buscando responder, entre outros aspectos, quais as funções linguísticas típicas de respostas maternas a interlocutores prelingüísticos. Uma de suas conclusões é que as mães mais responsivas são capazes de considerar o ponto de vista do bebê e buscam mais eliciar conversa do que dirigir seu comportamento. Essa responsividade favorece o desenvolvimento linguístico e comunicacional inicial.

No estudo de Paavola *et al.* (2005), a fala materna foi classificada de acordo com sua intenção comunicativa ou função, em 19 categorias, entre elas, perguntas sim/não, pedidos de informação, pedidos de clarificação, descrições, dispositivos de atenção, comandos ou advertências, etc. Os bebês tinham 10 meses, idade em que, segundo Tomasello (1999), reconhecem os outros como seres intencionais. Para Hoff e Naigles (2002), esse é o momento em que a aprendizagem de palavras começa: quando as crianças identificam os outros como seres intencionais, quando percebem que há intenções comunicativas por trás de suas vocalizações e conseguem descobrir quais são elas.

Tudo isto parece indicar que determinadas características da linguagem que os adultos dirigem às crianças facilitam sua aquisição. No entanto, o bebê não só intervém nesse processo, aprendendo, como também, através das suas respostas, mantém os pais num processo ativo de estimulação.

Kaye (1980) conclui, com seus estudos, que a maneira como as mães falam com seus bebês demonstra o quanto elas atribuem a seus filhos uma capacidade para o estabelecimento de uma comunicação reci-

proca. Snow (1986) aponta para o fato de que as mães, ao conversarem com seus filhos, estão primordialmente tentando engajá-los no diálogo e não apenas ensinando-lhes regras gramaticais. Na tentativa de engajá-los na conversa, utilizam-se de ajustes na sua fala, já que as mães podem ser sensíveis aos níveis crescentes de compreensão dos bebês e ajustarem, com isso, a fala que dirigem a eles. Seidl de Moura, Oliva e Pessóla (1998) identificaram que as mães fazem esse ajuste quando atribuem significado às condutas dos bebês.

Ao comparar a fala entre os adultos e a fala dos adultos dirigida às crianças, é perceptível uma distinção entre ambas. Estudos da linguagem utilizada pela mãe quando interagindo com o seu bebê apontam para características específicas dessa linguagem. Bornstein, Tal e Rahn (1992) analisaram e compararam a linguagem utilizada pelas mães com bebês de 5 e 13 meses de idade em quatro culturas diferentes. Os dois principais aspectos da linguagem foram os relacionados aos dados informativos, que envolviam as perguntas, frases diretas, etc., e os aspectos afetivos, que correspondiam ao uso de sons onomatopéicos, não proposicionais, rimas, sons de animais, etc. Os dados evidenciaram, praticamente para todas as culturas, um maior uso de fala relacionada aos aspectos afetivos com os bebês de cinco meses, ao passo que com os de treze meses as mães utilizaram uma linguagem mais informativa. Isso indica sua sensibilidade às características do desenvolvimento desse seu interlocutor especial.

Além disso, com base no resultado de estudos anteriores (SEIDL DE MOURA; RIBAS, 1999), verifica-se que as mães tratam os bebês, desde fases iniciais do desenvolvimento, como pessoas às quais se podem atribuir gostos, desejos e sentimentos, e não como seres que se limitam a manifestar necessidades fisiológicas. A consequência dessa concepção manifesta-se na conduta materna de tentar adequar sua fala e seus gestos a algum tipo de denominador em comum com o bebê, a fim de estabelecer mais facilmente algum tipo de comunicação com ele. Isso fica evidente quando se observa a estrutura da "conversa" que ocorre entre a mãe e o bebê, bastante semelhante às conversas entre duas pessoas, nas quais um fala e o outro escuta, alternando-se os papéis de ouvinte e falante. Por outro lado, estudos realizados com bebês foram evidenciando capacida-

des destes não imaginadas pelo senso comum, como a capacidade para discriminar a língua materna de outros idiomas. (MEHLER; DUPOUX, 1997).

O que os estudos sobre *input* lingüístico têm demonstrado é que aspectos sintáticos não são os únicos importantes. É preciso considerar aspectos semânticos e, também, pragmáticos. Além disso, o caráter interativo de uma comunicação entre dois interlocutores é enfatizado. O LAD de Chomsky é considerado junto ao LASS de Bruner e a interação entre aspectos biológicos, inatos, com os de natureza social e cultural é quase consensualmente defendida em tentativas de explicação da aquisição de linguagem.

Evidências empíricas e estudos teóricos (SEIDL DE MOURA; RIBAS, 1999) estão contribuindo para fortalecer o conhecimento acerca do contexto no qual se dá o desenvolvimento infantil. A partir das características específicas da mãe e do bebê, estabelece-se um processo de comunicação entre a diade, que permite a regulação mútua dos seus comportamentos. O bebê age e a mãe atribui significado às suas atividades, agindo em função da interpretação feita. Hipotetiza-se que é, principalmente, nessas trocas que se dá a construção do conhecimento por parte do bebê acerca dos objetos, pessoas e eventos do mundo e o processo de aquisição de linguagem.

REFERÊNCIAS

- BORNSTEIN, M.; TAL, J.; RAHN, C. Functional analysis of the contents of maternal speech to infants of 5 and 13 months in four cultures: Argentina, France, Japan, and United States. *Development Psychology*, v.28, n.4, p.593-603, 1992.
- BRUNER, J. *On prelinguistic prerequisites of speech*. [S.l.]: [S.n.], [197].⁴
- BRUNER, J. *Learning how to do things with words*. In: BRUNER, J.; GARTON, A. (Org.) *Human growth & development*. Oxford: University Press, 1978.
- BRUNER, J. *In search of mind (Essays in autobiography)*. New York: Harper & Row, 1983.

⁴ O artigo é cópia xerox e não há referência bibliográfica. Parece ter sido publicado depois de 1976.

BRUNER, J. *Child's talk: learning to use language*. London: Norton & Company, 1985.

BRUNER, J. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BROWN, R.; BELLUGGI, U. Three processes in child's acquisition of syntax. In: LENNERBERG, E. A. (Org.). *New directions in the study of language*. Cambridge, Mass: The MIT Press, 1984. p.133-161.

CORREA, L. M. S. Aquisição da linguagem: Uma retrospectiva dos últimos trinta anos. *Delta*, v.15, p.1-33, 1999.

CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Mass: The MIT Press, 1965.

CHOMSKY, N. *Linguagem e pensamento*. Petrópolis: Vozes, 1973. (Originalmente publicado em 1965).

D'ORICO, L.; SALERNI, N.; CASSIBBA, R.; JACOB, V. Stability and change of maternal speech to Italian infants from 7 to 21 months of age: a longitudinal study of its influence on early stages of language acquisition. *First language*, v.19, p.313-346, 1999.

ELLAS, C.P.A *família na intervenção precoce: da filosofia à ação*. Coimbra: Distrito de Coimbra, 1995.

FOGEL, A. O contexto sociocultural e histórico dos estudos do desenvolvimento. *Psicologia: reflexão e crítica*, v.13, n.2, p.311-318, 2000.

GLEITMAN, L. R.; NEWPORT, E. L.; GLEITMAN, H. The current status of motherese hypothesis. *Journal of child language*, v.11, p.43-79, 1984.

HOFF, E.; NAIGLES, L. How children use input to acquire a lexicon. *Child Development*, v.73, n.2, p. 418-433, 2002.

KAYE, K. Why don't we talk "baby talk" to babies. *Journal of Child Language*, v.7, p.489-507, 1980.

MEHLER, J.; DUPOUX, E. *What infants know: the new cognitive science of early development*. Malden, Mass: Blackwell Publishers, 1997.

PAAVOLA, L.; KUNNARI, S.; MOILANEN, I.; LEHTIHALMES, M. The functions of maternal verbal responses to prelinguistic infants as predictors of early communicative and linguistic development. *First Language*, v.25, n.2, p. 173-195, 2005.

SEIDL DE MOURA, M. L.; RIBAS, A. F. P.; SEABRA, K. C.; PESSOA, L. F.; NOGUEIRA, S. E.; RIBAS JR., R. C. Interações iniciais mãe-bebê. *Psicologia: reflexão e crítica*, v.18, p.295-302, 2004.

SEIDL DE MOURA, M. L.; RIBAS, A. F. P. Interações precoces mãe-bebê e concepção do desenvolvimento infantil inicial. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v.8, n.1/2, p.15-25, 1999.

SEIDL DE MOURA, M. L.; OLIVA, A. D.; PESSÔA, L. F. Atribuição de significado às atividades do recém-nascido na fala das mães. *Anais do II Congresso Brasileiro de Psicologia do Desenvolvimento*. Gramado: Centro de Convenções de Gramado, 1998. p.88.

SNOW, C. E. Conversations with children. In: FLETCHER, P.; GARMAN, M. *Language acquisition*. Cambridge: CUP Second Edition, 1986. p. 363-375.

SNOW, C. E. The beginning of child language: 20 years of research of input and interaction process. In: GALLAWAY, C.; RICHARDS, B. J. *Input and the acquisition of language*. New York: Cambridge University Press, 1994. p.3-12.

TOMASELLO, M. Social cognition before the revolution. In: ROCHAT, P. (Org.). *Early social cognition: understanding others in the first months of life*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1999. p.301-314.